

Resenhas

teatro e anarquia | gustavo ramus*

Avelino Fóscolo, Marino Spagnolo, Pedro Catallo. *Antologia do teatro anarquista*. Maria Thereza Vargas (org.). São Paulo, Editora Martins Fontes, 2009, 316 pp.

O teatro foi por muito tempo uma experiência de propaganda libertária com o objetivo de difundir os ideais anarquistas. No Brasil, a princípio, eram montadas peças vindas da Europa, e com o passar do tempo começaram a surgir alguns dramaturgos brasileiros e alguns imigrantes que escreviam em português. Os autores eram, muitas vezes, também atores e diretores de suas peças. Esses escritores eram influenciados não só por pensadores anarquistas como Proudhon, Tolstói, Reclus, Bakunin, Kropotkin, entre outros, mas também tiveram contato com duas antologias de teatro muito difundidas por anarquistas italianos, o *Teatro popolare I e II*. O livro *Antologia do teatro anarquista* traz três peças de escritores anarquistas: Avelino Fóscolo, Marino Spagnolo e Pedro

* Bacharel em Ciências Sociais, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP, bolsista CNPq e integrante do Nu-Sol.

Catallo, respectivamente autores de *O Semeador*, *A bandeira proletária* e *Uma mulher diferente*.

As três peças têm em comum uma crítica à sociedade moderna e trazem personagens emblemáticos muito parecidos, como ricos industriais ou proprietários que simbolizam a exploração capitalista; um operário humilde que luta por seus direitos; uma mulher inferiorizada diante da sociedade por não concordar e não agir conforme os valores morais estabelecidos; e um jovem idealista defensor da anarquia que luta por igualdade e pelo fim das injustiças. As peças eram encenadas por pessoas comuns, geralmente por militantes anarquistas ou por alguns trabalhadores de origem humilde. “Assim queriam os anarquistas. Exercitar uma arte que fosse a expressão de um momento vivido, um exercício atento às falhas da sociedade, suas contradições e violências. Uma dramaturgia perfeita, portanto, seria aquela cujas palavras conseguissem tecer mostras de vida, de certa forma ainda incompletas enquanto não conquistassem o direito de se tornarem livres, no sentido amplo da palavra” (p. X).

O livro é organizado por Maria Thereza Vargas, formada em Crítica Teatral pela Escola de Arte Dramática de São Paulo e que ajudou a fundar o departamento de Informação e Documentação Artísticas/IDART da Secretaria Municipal de São Paulo. Juntamente com Mariângela Alves de Lima, realizou um levantamento sobre Teatro Anarquista publicado em 1980 pela Secretaria Municipal de Cultura. A censura não autorizou a publicação com a palavra *anarquista*, passando a ser publicado como *O teatro operário na cidade de São Paulo*.

Avelino Fôscolo (1864-1944), autor de *O semeador*, viveu em pequenas cidades mineiras. Decepcionado com o regime republicano e influenciado por pensadores como Eliséé Reclus, Jean Grave e Piort Kropotkin, aderiu ao anarquismo. Fôscolo era órfão e trabalhou junto com escravos nas minas de Morro Velho. Autodi-

data, interessava-se por geografia, política e farmacologia, profissão que exerceu grande parte de sua vida. Escreveu alguns romances como *O mestiço*, *O cabloco* e *O vulcão* e fundou o periódico anarquista *A nova era*.

O sementeiro é uma obra dramática em três atos que estabelece uma crítica à propriedade. A história se passa em uma fazenda onde há uma tentativa de diluir a propriedade, sobre o ideal de cada um obter apenas o necessário para si. Júlio, o personagem principal, entra em contato com o pensamento anarquista após uma viagem à Europa. Ao regressar, tenta modificar os hábitos instituídos na fazenda de seu pai, começando por não se reconhecer como superior diante dos trabalhadores, mesmo sendo o herdeiro das terras. Tratava todos por igual, inclusive os ex-escravos. Propôs o fim do salário, visto como uma nova forma de escravidão, podendo todos usufruir do fruto do trabalho comum, e reduziu as horas de trabalho para que os trabalhadores pudessem gozar mais de seu tempo livre. Para isso, implantou o uso de máquinas na produção, lançando mão do uso das novas técnicas e saberes desenvolvidos para o benefício de todos.

A peça não critica somente a propriedade, ela também denuncia a injustiça sobre os trabalhadores braçais e a falta de instrução, a opressão sofrida pelas mulheres, a devastação do solo e o mau uso da terra. Idealiza a construção de comunidades auto-suficientes onde prevalece a igualdade e a liberdade, o amor mútuo e a solidariedade. Uma transformação social vivida por todos, uma experiência próxima da autogestão proudhoniana. Júlio tenta dividir suas terras entre os trabalhadores, assim como o anarquista Liev Tolstói tentou fazer com sua propriedade, impedido por sua mulher que alegou loucura do escritor russo e passou desde então a controlar todos os bens da família.

Pode-se reconhecer na peça vários princípios cristãos, começando pelo título “o sementeiro”, o homem que traz a “boa nova”, que semeia a semente da igualdade e do

amor fraternal. Júlio idealiza transformar a humanidade numa imensa família universal por meio da solidariedade. Contudo, Fôscolo se distancia do pensamento de Tolstói quando o herói de seu drama decide pegar em armas para defender os trabalhadores contra a repressão de seu pai e de seu cunhado que eram contrários às inovações implantadas. Ao decidir pela ação violenta, o autor se afasta do pacifismo próprio do pensamento tolstoiano e se aproxima de Kropotkin.

A segunda peça, *A bandeira proletária*, é de Marino Spagnolo, militante anarquista de São Paulo, e foi apresentada pela primeira vez em 28 de outubro de 1922 no Salão das Classes Laboriosas. Apesar de não ter muitas informações sobre autor, como datas de nascimento e de morte, sabe-se que era de origem hispânica, e exerceu as profissões de vidreiro e alfaiate. O drama também escrito em três atos discute os vícios como o jogo e o alcoolismo, tema muito combatido no interior da militância anarquista, por afastar os operários da luta e minimizar o sentimento de revolta. O alcoolismo, principalmente, era muito recorrente no meio operário, muitas vezes para enganar a fome e o cansaço de mais de doze horas de jornada de trabalho. Em determinado momento da peça executa-se a música “marselhesa”, hino nacional francês, porque a censura não permitiu a execução do hino da Internacional. Paulo, o personagem principal, é um soturno operário, pobre e amante das letras, portador de uma humilde biblioteca e que, por vezes, se arriscava em alguns versos. Líder no movimento operário, foi preso acusado de agitar uma greve. Ao sair, vê um amigo morrer assassinado e toma a imagem de seu companheiro morto como um exemplo de luta. Realiza um culto aos mártires exaltando o sangue do proletário como bandeira de luta, o que torna a peça um tanto quanto enfadonha.

Pedro Catallo (1900-1963), o terceiro autor desta antologia, iniciou sua experiência com teatro em 1928 com o Grupo Teatral da União dos Artífices em

Calçados, e depois no Grupo Teatral Aurora, cujas peças eram encenadas em espanhol. Catallo nasceu na Itália, cresceu na Argentina e mudou-se para o Brasil aos dezessete anos. Escreveu *O herói e viandante*, uma adaptação do tango *Silêncio*; e também *A Madrid*, uma história que conta a luta contra o fascismo. Traduziu textos de Florêncio Sanchez, dentre eles *Os mortos* e *Nossos filhos*. E finalmente escreveu uma trilogia de peças feministas: *A insensata*, *O coração é um labirinto* e *Uma mulher diferente*. Essa última peça, apresentada no livro, faz uma crítica à sociedade da época, questionando seus valores e a posição da mulher no seu interior. Estabelece uma crítica ao matrimônio e defende a ideia que a mulher é dona de si, de seu corpo, de seu coração, que é capaz de ser independente, sem viver à sombra de um marido.

A história narra o drama de uma jovem que resolve se entregar por uma noite para um rico empresário na condição de que o mesmo retirasse seu pai da prisão. A corajosa mulher sofre represália da sociedade, inclusive de seu próprio pai, por quem é rejeitada. A peça é bem humorada em alguns momentos, mas contundente ao formular a crítica ao casamento: “Porque o matrimônio destrói a candidez e a beleza que envolve as almas que se querem bem. O matrimônio confunde o amor com a cozinha, as contas com o idílio, as premências grosseiras da vida com a ternura sequiosa dos sentimentos, tornando tudo banal e sem encantos.” (C, p. 285). No entanto, o autor não confunde a crítica ao matrimônio com a formação de uma família pelo laço do amor, pois a personagem principal tem um filho e ama um homem, apenas recusa-se casar. A peça termina com um ideal de alguns anarquismos que também pode ser reconhecido no cristianismo primitivo: a formação de uma família universal, todos se reconhecendo como irmãos, sem ódio, miséria, guerras e dominação.

O livro traz uma breve cronologia que data de 1867 a 1967 e traz nomes como Pietro Gori, Luigi Damiani,

Fábio Luz, Neno Vasco, Marcelo Gama, José Oiticica, Afonso Schmidt, além dos autores das três peças publicadas. Indica a fundação de grupos de teatro e dramaturgia, assim como os Centros de Cultura, e data de apresentações teatrais.

Ao longo dos anos, o teatro anarquista quase desapareceu, mas ressurgiu de uma outra maneira, trazendo novas problematizações. O Centro de Cultura Social de São Paulo recuperou a prática de leituras dramáticas entre seus frequentadores. Renata Pallottini escreveu *Colônia Cecília, um pouco de ideal e polenta*, publicada pela editora *Achiamé*, um poema dramático para teatro que conta a história da Colônia anarquista brasileira fundada no final do século XIX por Giovanni Rossi. Outro anarquista brasileiro com grande importância para o teatro foi Roberto Freire que dirigiu e escreveu diversas peças para o teatro como *O&A* e *Quarto de empregada, Quarto de estudante* e *Quarto de hotel*, pequenas peças publicadas em um pequeno livro intitulado *3/4*. Freire foi presidente da Associação Paulista da Classe Teatral, diretor do Serviço Nacional de Teatro e diretor artístico no TUCA (Teatro da Universidade Católica de São Paulo). Também no teatro da PUC-SP, o Nu-sol vem realizando, desde 2007, uma atividade semestral, a *aula-teatro*, rompendo o espaço disciplinar da sala de aula, dando lugar a uma experimentação artística que une música, dramaturgia, literatura, invenções cênicas com o corpo, filosofia, poesia e ciências sociais. Sem representação, sem atores. Apresenta novas inquietações, expõe problemas; desde a Revolução Russa sob a perspectiva de uma mulher anarquista (*Emma Goldman na Revolução Russa*); de um jovem anarcoterrorista na França do século XIX (*Eu, Émile Henry*); a apresentação de um filósofo contemporâneo de um ponto de vista libertário (*FOUCAULT*); o abolicionismo penal e os campos de concentração da vida cotidiana (*Estamos todos presos*); a liberdade (*Limiares da liberdade*), todas publicadas aqui em Verve.

Cinema libertário

A acuidade do teatro ao longo da história da militância anarquista é de vital importância. Uma arte única que, assim como o anarquismo, é vivida à flor da pele. A cultura libertária lançou mão da dramaturgia encenada em palcos e teatros improvisados em ateneus ou Centros de Cultura, não só para afirmar seus ideais e difundi-los, mas também para propiciar novas experimentações e um outro método de instrução direcionada para uma vida livre. O pensamento libertário expresso em forma artística, não só emociona o público, mas desperta o sentimento de revolta. Uma forma de *ação direta*, de “tornar pública a anarquia”. E por meio dessa prática propagou-se e habitaram-se diversas formas de anarquismos.

cinema libertário | mauricio freitas*

Isabelle Marinone. (2004) *Cinema e Anarquia: Uma história “obscura” do cinema na França (1895-1935)*. Tradução de Adilson Inácio Mendes, Carlos Roberto de Souza, Fernanda Murad e Flávia Lago. Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2009, 216 pp.

Michel Foucault em “Nietzsche, a genealogia e a história”, um pequeno texto de 1971, explicita a noção de história a partir de uma perspectiva genealógica voltada para os baixos começos dos acontecimentos. Ela exige a minúcia em vasculhar documentos quase esquecidos em meio à poeira que lhes cobre.

* Integrante do Nu-Sol e estudante de História na USP.